

## PERCEPÇÕES SOBRE O ADMINISTRADOR CONTEMPORÂNEO

*Fernando G. Tenório*

A Administração como área de conhecimento é nova. Sua história é de pouco mais de um século se a comparamos com outros campos do saber sistematizado, principalmente daqueles saberes identificados com as ciências sociais do qual faz parte a Administração, sob a qualificação de aplicada. Portanto, dada a sua idade, é uma gnose ainda em processo de aprendizado. Aliás, a semelhança dos outros saberes, é um conhecimento provisório. Não conclusivo. Daí que a formação do administrador contemporâneo não deve estar restrita ao que somente é explicitado pela grade curricular das instituições de ensino, se tal acontece, corre-se o risco não de uma formação, mas de uma "deformação" do aprendizado.

E, se aceitarmos a tese de que toda área do conhecimento tem um objeto de estudo, o objetivo da Administração é estudar as organizações, qualquer que seja a natureza jurídica da entidade em gestão - pública, privada ou pública não-governamental ou, como correntemente se diz, do primeiro, segundo ou terceiro setores. Apesar disso, surge um óbice que tira o privilégio das organizações serem objeto de estudo exclusivo da Administração. As organizações, por definição, são sistemas sociais formalmente estruturados que tem como fim alcançar objetivos. Duas inferências, de imediato, podemos deduzir deste conceito: 1) por serem sistemas sociais as organizações podem ser objeto de estudo e/ou prática de outras áreas na taxonomia das ciências sociais; 2) por serem sistemas sociais as organizações planejam atingir objetivos mas alcançam resultados. Por quê? Porque, no primeiro caso, discute-se desde o comportamento de indivíduos à relação entre eles.

No segundo caso, por serem os sistemas sociais sistemas probabilísticos e não determinísticos, planeja-se a perspectiva favorável de que algo possa acontecer, mas entre o desejo, o planejado, e a ação, relações sociais encadeiam a implementação do que foi projetado. Desse modo, o Administrador não deve restringir o seu conhecimento ao estrito aprendizado da funcionalidade das organizações correndo o risco de perfilar a sua ação segundo os cânones de um pragmatismo ahistórico, não reflexivo, não crítico. Não quer esta consideração descaracterizar, retirar, remover ou restar importância a qualidade distintiva, própria, específica da Administração como área de conhecimento e do administrador como o exercício legítimo de uma profissão. O intento é alçar a profissão de administrador a posição que lhe deve caber na sociedade contemporânea, que é trabalhar como uma visão mais compreensiva, abrangente da realidade sob sua direção. Substituir o enfoque tecnocêntrico pelo sociocêntrico. Isto é, em lugar de considerar a exclusividade tecnológica como definidora da produção ou da prestação de serviços, apoiar-se numa proposta de valorização da interação humana no processo produtivo. Do monólogo ao diálogo, da ação gerencial estratégica a social com o ambiente interno e externo a organização. Tal exigência decorre da crescente complexidade da sociedade atual e por vir. Fato inexorável que demanda do administrador contemporâneo uma perspectiva de ação que transcenda o exercício de uma disciplina. Sua prática gerencial deve ser implementada segundo os determinantes da esfingia sociedade que vivemos portanto, suas ações, devem ser submetidas a um horizonte interdisciplinar. Conhecimentos provinciais, insulares, já não são capazes de entender o mundo vigente.

O plexo das organizações nos dias de hoje exige, do administrador, que ele seja coetâneo com o fato de que, somente entender os fenômenos organizacionais pelo determinismo de mercado, não é suficiente para compreender a demanda da sociedade contemporânea. A sua leitura, a sua reflexão, deve transcender ao pragmatismo, ao utilitarismo sistêmico que lhe é tradicionalmente exigido. O julgamento permanente, o senso crítico, deve ser a sua maneira de conhecer e dar conhecer a Administração como área de conhecimento. O pensamento organizacional, as teorias organizacionais, deve ser crítico a si mesmo, estudado e/ou praticado como conceitos em processo, históricos, relativos a uma fase da sociedade. A racionalidade dos meios não é suficiente para alcançar o fim, o bem-estar social. Assim, a posição da Administração como área de conhecimento e do administrador como profissional, deve renovar-se mas também destacar-se, sobressair-se nos dias de hoje, na medida que ambos termos - pensamento e ação - gerenciam, por meio das organizações, a crescente complexidade da sociedade contemporânea.

**Fernando G. Tenório:** Pós-Doutorado em Administração, Doutorado em Engenharia de Produção, Mestrado em Educação, Pós-Graduação *latu sensu* em Administração Pública e Graduação em

Administração de Empresas. Professor Titular na Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Membro da Academia Brasileira de Ciência da Administração. Coordenador do Programa de Estudos em Gestão Social da EBAPE/FGV e Coordenador Acadêmico do Programa Gestão Pública e Cidadania na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV. Registrado no Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro sob o número 11.716.